





Foto: Marcos Nascimento

1ª PARTE

- 6__ Apresentação
- 7__ O que é Patrimônio?
- 9__ O que é Educação Patrimonial?

2ª PARTE

- 10__ São João
- 10__ História

BENS:

- 12__ Repente
- 16__ Festas Religiosas
- 20__ Feira Livre
- 22__ Cordel
- 28__ Bordado / Crochê
- 30__ Forró pé de serra
- 34__ Rezadeira



APRESENTAÇÃO

A presente publicação é fruto de uma pesquisa empreendida em quatro municípios de Pernambuco (Angelim, São João, Lagoa de Itaenga e Paudalho), sendo requerida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como medida de mitigação, no âmbito do licenciamento ambiental federal referente à implantação das Linhas de Transmissão de 230 kV e 500 kV, associadas ao Lote L-Leilão ANEEL 004/2011 da empresa Interligação Elétrica Garanhuns S.A (IE Garanhuns). Contratada pela referida empresa, a Associação Respeita Januário percorreu, durante mais de um ano, os referidos municípios, conhecendo e registrando as manifestações e práticas culturais neles existentes, por meio da observação direta e das conversas com representantes dos saberes populares locais. Apesar das diferenças e singularidades presentes nos quatro municípios, foi possível perceber que estes apresentam algumas semelhanças. Todos possuem importantes manifestações tradicionais, que revelam a riqueza da sua cultura e a criatividade de seu povo. Todo esse patrimônio cultural é parte de um saber viver popular, de uma gente que celebra, cria, inventa, apesar da luta cotidiana, dos contrastes socioeconômicos e do desenvolvimento desigual na região. A publicação ora apresentada pretende mostrar parte do que foi registrado durante a pesquisa, na certeza de contribuir para a valorização e conhecimento dessas práticas e desses saberes. Nossos agradecimentos a todos e todas que gentilmente abriram as portas, cedendo parte do seu tempo para falar das suas tradições, celebrações, histórias, lutas e mobilizações. Somos extremamente gratos pela confiança, sobretudo por partilharem conosco suas dificuldades, mas também seus sonhos e aspirações. A estes homens e mulheres, meninos e meninas, dedicamos esta publicação.

Sandro Guimarães de Salles
Coordenador da Associação Respeita Januário

PATRIMÔNIO CULTURAL

A palavra patrimônio tem sido empregada com diferentes significados. Pode significar os bens materiais, como uma propriedade, por exemplo, que uma pessoa ou um grupo possui. Mas quando falamos em patrimônio nacional, nos referimos a algo coletivo, que pode ser material ou imaterial. São considerados patrimônios materiais, por exemplo, obras de arte, edificações e monumentos históricos (igrejas barrocas, fortes, casas-grandes etc.), entre outros, que possuem um significado histórico ou artístico relevante para o povo brasileiro. Esses bens, uma vez considerados oficialmente como patrimônios, o que no Brasil é feito pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), são tombados, ou seja, passam a fazer parte do conjunto de bens patrimoniais preservados pelo Estado. Do mesmo modo, são considerados patrimônios da humanidade os bens que possuem um valor histórico ou artístico para os seres humanos em todo o planeta. Os bens considerados imateriais, como festas tradicionais, saberes populares e diversas práticas culturais, como a capoeira, o ofício das parteiras, a música dos repentistas, entre outras, só passaram a ser reconhecidos como patrimônio cultural nacional mais



recentemente. O problema é que, desde a década de 1930, o Estado brasileiro só considerava patrimônio nacional os bens materiais de excepcional valor histórico e artístico, reproduzindo uma tendência predominante em todo o ocidente, na qual a concepção de patrimônio esteve ligada aos bens representativos das classes dominantes, detentoras do poder. A partir dos anos 1970, essa concepção, por servir única e exclusivamente às classes dominantes, passa a ser questionada. Surge, então, uma nova concepção de patrimônio – resultado de diversas ações da sociedade civil, organizada em movimentos sociais –, que passa a considerar os bens representativos da diversidade étnica e cultural do país, incluindo também os bens de caráter imaterial. Estes são definidos pela Constituição Federal de 1988 como “portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. Doze anos mais tarde, com o Decreto-Lei 3.551 de 04 de agosto de 2000, é instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criado o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. No mesmo ano, o IPHAN cria o Inventário Nacional de referências Culturais (INRC), com o objetivo de registrar e salvaguardar o patrimônio cultural imaterial do povo brasileiro. Com o protagonismo dos bens de caráter imaterial, diversas manifestações culturais antes consideradas pouco relevantes pelas autoridades e elites do país, como a capoeira, o samba de roda, o ofício das parteiras, o maracatu, entre outras, ganham visibilidade, passando a ser reconhecidas como patrimônios culturais do povo brasileiro.

CONHECER PARA PRESERVAR

A Educação Patrimonial parte da ideia que devemos conhecer para preservar, isto, contribui para o processo de investigação, ir em busca do desconhecido ou do que pensamos que não conhecemos. Com esta proposta nos lançaremos a entender como os bens culturais são importantes para construção das sociedades contemporâneas.

É importante que a comunidade escolar se aproprie das ações patrimoniais, para que se tornem agentes multiplicadores, contribuindo para a salvaguarda do patrimônio material e imaterial, na preservação dos saberes e práticas, que são tão importantes para o seu reconhecimento. Desta maneira, nossa cartilha tem por objetivo apresentar os bens culturais, assim como sua importância, tomando como referência os mestres e brincadores da Cultura Popular dos mais variados brinquedos, que representam os bens culturais, e contribuem para a preservação do Patrimônio Cultural.



SÃO JOÃO

O município de São João está localizado na Mesorregião do Agreste pernambucano e, mais especificamente, na Microrregião de Garanhuns. São João tem os seguintes limites geográficos:

Norte - Jupi e Jucati

Sul - Palmerina

Leste - Angelim

Oeste - Garanhuns

HISTÓRIA

O município de São João recebeu esse nome devido à capela dedicada ao santo católico São João, construída ainda no período de seu povoamento. Quem nasce em São João é são-joanense.

A história de São João começa com seus primeiros habitantes: os índios. Mas, o povoamento da região começou, de fato, no século XVII, época em que o Governo Geral do Brasil, Dom Luis Afonso Furtado de Castro, conhecido como o Visconde de Barbacena, doou carta de sesmaria a Cristovão de Burgos de Cantareira e outros herdeiros. Apesar de não ter registros precisos da época, sabe-se que mais tarde essas terras foram vendidas a Manuel da Cruz Vilela, o qual nomeou as terras de Fazenda Burgos. No ano de 1883, passou a se chamar de Sítio São João e tornou-se a sede de um dos distritos de Garanhuns.

O povoamento de São João cresceu na época da inauguração da Estrada de Ferro Sul Pernambuco, no ano de 1887. Com essa nova estrada e a Estação Ferroviária Segismundo Gonçalves, o comércio e a comunicação entre a Zona da Mata e o Agreste deixou de ser feito pelos carros de bois e as ferrovias se tornaram o principal meio de deslocamento de pessoas e produtos. Durante o século XIX, a pecuária do gado leiteiro e a produção do feijão e da mandioca, foram os motores da economia da localidade. É apenas no século XX, em 25 de novembro de 1958, pela Lei 3.280, que São João se desmembra de Garanhuns e torna-se município. Por motivos políticos, anos depois, São João perdeu a condição de Município, mas recebe o título novamente em 1962.





REPENTISTA

O repente de viola, também chamado de “cantoria de viola”, “repente” ou apenas “cantoria”, é uma expressão da cultura popular em que os chamados “repentistas”, “violeiros”, “cantadores” ou “poetas” demonstram toda sua habilidade, criatividade e “ciência”, compondo versos musicados, de forma muitas vezes improvisada, a partir de métricas (divisão de estrofes e sílabas) e motes (temas) pré-definidos.

Para a realização de suas cantorias, os repentistas utilizam uma viola com sete cordas de aço, ou violão, para acompanhamento melódico de suas composições, e costumam se apresentar em dupla, com o apoio ou mesmo em disputa com mais um parceiro. É importante ressaltar, entretanto, que apesar dos termos “repente” e “cantoria” serem utilizados de um modo geral como sinônimos, tais palavras podem significar práticas de alguma forma diferentes.

O termo “repente” pode ser utilizado, de maneira mais específica, para tratar do processo de composição a partir do improviso, enquanto que a palavra “cantoria” pode ser usada para as apresentações a partir de composições previamente criadas, de forma não improvisada, utilizando os demais elementos da arte do repente.

O termo “cantoria” também remete à noção de “celebração”, quando há o encontro de violeiros para execução do repente em diferentes localidades, nos sítios, em bares ou residências na zona rural, em áreas urbanas ou em festivais organizados pelo poder público.

As apresentações quando são realizadas nos sítios ou nas casas da zona rural, por exemplo, costumam ser conhecidas como “cantorias pé de parede” ou “cantoria de bandeja”. Nestas ocasiões, os violeiros costumam ser convidados ou solicitar ao responsável pela propriedade rural para organizar o evento naquela localidade. Esta é considerada uma forma de cantoria mais tradicional.

Os repentes de viola, quando são realizadas em um bar da zona rural ou nos centros do município, com um caráter um pouco mais profissional, com o recebimento de cachês anteriormente acordados ou do apurado doado pela clientela do estabelecimento comercial, costumam ser chamados “cantorias pé de barraca”.



Foto: Paulo Maia



Juscélio Luís

Por sua vez, nas ocasiões em que estas atividades são organizadas ou apoiadas pelo poder público, configurando uma espécie de espetáculo em que há uma disputa entre os participantes e oferecimento de premiação aos vencedores, a partir de critérios estabelecidos por uma comissão julgadora, costumam ser chamadas de “desafio” ou “festival”.

Apesar de suas diferentes formas, pode-se dizer que o repente é uma das expressões da chamada “poesia popular”, a exemplo da literatura de cordel. Em seus diversos estilos, os repentistas costumam se apresentar para um público, que participa ativamente das cantorias, sugere motes, torce para um ou outro poeta em desafios e, muitas vezes, contribui financeiramente com a arte dos cantadores.

A cantoria é uma importante forma de entretenimento em algumas localidades na zona rural e no território urbano. A partir desta arte, além disto, é possível compreender um pouco do universo dos cantadores e das práticas e sentidos associados ao contexto social, político, cultural e econômico no qual estamos inseridos. Desta maneira, a poesia do repente se revela como uma importante forma expressão da criatividade, identidade, diversidade cultural de nosso povo.





Foto: Paulo Maia

Juscélio Luís



FESTAS RELIGIOSAS

Quando chegaram ao Brasil, os primeiros colonizadores portugueses trouxeram consigo as suas devoções aos santos católicos. Não é por acaso, portanto, que as celebrações e festas para os santos católicos são dentre as tradições mais amplamente disseminadas em todo o território nacional. De fato, cidades, municípios e até bairros podem ter um santo padroeiro além de várias devoções a outros santos que se desenvolveram ao longo do tempo.

As celebrações tipicamente são fixas nos calendários oficiais das cidades, tendo assim dias específicos em que as populações e paróquias comemoram os seus respectivos santos todos os anos. E geralmente seguem numa maneira específica de devoção, contemplando, por exemplo, missas, tríduos, novenários, trezenas, procissões, romarias, caminhadas, encenações, festas de largo etc. Na maioria das vezes estas várias atividades sagradas acontecem juntas. Por exemplo, os tríduos, novenários e trezenas são acompanhadas de missas e procissões, sendo que esta última tipicamente abre e fecha o ciclo festivo. Além disso, estas grandes festas quase sempre são acompanhadas de atividades lúdicas e atrações populares nas praças principais das cidades.

O caráter de cada festa e o número de pessoas que participa dela depende da tradição e histórico daquela festa no local específico. Em alguns casos, são festas grandes que duram muitos dias e contam com pessoas tanto do local como de fora. Em outros casos, as festas são menores e contam somente com a população local. Algumas festas são feitas em igrejas da cidade, muitas vezes nas Igrejas Matriz. Em algumas cidades, entretanto, existem santuários em sítios afastados da cidade onde acontecem as festas e que são destinos para romeiros devotos.

Independente do seu caráter variável, todas estas festas públicas são momentos importantes para a vida social e religiosa das populações locais. Elas oferecem momentos de devoção, renovação de fé, interação social e lazer. Ainda mais, as festas são importantes para a expressão da cultura local pois frequentemente durante as festas, as pessoas realizam manifestações culturais da região, sejam estas musicais, teatrais ou outras.

Foto: Marcos Eugênio









FEIRA LIVRE

As feiras livres, assim como alguns mercados públicos, são espaços que ocupam um papel muito importante na vida e no cotidiano dos moradores de diversas localidades. Seus sentidos vão além das simples relações de compra e venda que são estabelecidas mais diretamente entre os seus comerciantes e compradores. Espaço de lazer, sociabilidade, conhecimento, disputas, arte, criatividade, dentre outros aspectos, são alguns dos elementos que podem lhe estar associados. Desde a antiguidade, as feiras de troca e de comércio de mercadoria possuem alguns destes sentidos. São locais, por isso, destinados prioritariamente ao encontro, nos quais comerciantes e compradores relacionam-se entre si e com outros indivíduos, estabelecendo diálogos permanentes, transmitindo informações, difundindo novidades, promovendo entretenimento e arte, além de suprir muitas necessidades básicas através da compra e venda de produtos.

Comumente, as feiras livres ocorrem em algum dia ou período específico da semana. Nestas ocasiões, agricultores familiares, pequenos comerciantes, prestadores de serviço, artesãos, artistas, dentre outros indivíduos se organizam para montar suas barracas ou bancas com o apoio do Poder Público e levar suas mercadorias nas primeiras horas do dia, de modo a atender à clientela logo ao amanhecer.

Frutas, verduras, raízes, carnes, temperos, animais, cereais, doces, comidas, bebidas, artesanatos, roupas, acessórios, brinquedos, utensílios para o lar, equipamentos eletrônicos, dentre outros artigos podem ser encontrados normalmente nas feiras. Costuma-se também estabelecer uma relação de maior proximidade entre os comerciantes e os compradores em que os feirantes, muitas vezes, indicam determinados produtos, sugerem formas de uso e preparação, negociam o valor das mercadorias e estabelecem uma relação de confiança e amizade com sua freguesia.

Na feira os compradores, além disso, também podem encontrar outras pessoas da localidade, saber das novidades, bebericar, comer e conversar, ouvir e ver apresentações artísticas, se divertir uns com os outros, além de encomendar produtos e adquirir mercadorias a serem trazidas nas próximas feiras.



Foto: Paulo Maia

Os produtos de melhor qualidade são normalmente comercializados no início da feira por um valor mais elevado. Ao longo do dia, à medida que os produtos vão sendo comercializados, os valores costumam diminuir para que ao final do dia tudo seja vendido. Após o fim da feira, os comerciantes eventualmente recolhem aquilo que restou e se preparam para migrar para outra localidade de modo a iniciar um novo ciclo de comércio e relações de troca com moradores de outra região.



LITERATURA DE CORDEL

A literatura de cordel o “folheto de cordel”, “folheto de feira” ou simplesmente o “cordel” é um gênero de literatura e poesia fortemente associado ao universo da cultura popular nordestina. Conforme intelectuais como Sílvio Romero, que inauguraram as pesquisas sobre a poesia popular no início do século XIX, o cordel foi trazido da Europa pelos portugueses e sofreu modificações que lhe deram características próprias aqui no Brasil.

Apesar de ser um importante veículo de informação, reflexão, educação e entretenimento, durante muito tempo, a literatura de cordel foi vista como uma expressão “rude”, “simples”, “ingênua” e “de menor valor”, em comparação a outras formas da literatura e poesia. Acreditava-se, além disto, que o cordel iria desaparecer com a chegada dos jornais, televisão e outras formas de comunicação.

Aos poucos, entretanto, toda a riqueza e complexidade deste gênero literário e poético foram sendo compreendidos. Mesmo com o desconhecimento de uma boa parte da população, a literatura de cordel se mantém viva e, ao longo do tempo, passa a ser reconhecida como uma importante expressão do patrimônio cultural brasileiro.

Intelectuais do mundo todo têm desenvolvido pesquisas sobre este gênero. Além disto, a estética e a poesia do cordel é utilizada com frequência nas escolas, no teatro, no cinema, na televisão, em outros gêneros literários e na internet. Alguns folhetos de cordel se tornaram, inclusive, objeto de desejo de importantes colecionadores.

De todo modo, a literatura de cordel é mais conhecida através dos folhetos, impressos em folhas de jornal, no tamanho de aproximadamente 11x16cm, sobre uma série de temas, contendo versos metrificados, rimas e a chamada “oração” - não no sentido de reza ou prece - mas de “oralidade” ou escrita para que os versos possam ser recitados. O nome “cordel”, além disto, está relacionado ao costume tradicional de expor os folhetos em cordas, barbantes ou “cordéis” nas feiras. Para comercializar os folhetos, os cordelistas e vendedores costumavam memorizar e recitar as poesias.

Estas poesias são extremamente ricas em termos de temas e formas. O cordel, como foi mencionado, é caracterizado pela metrificação entre as estrofes ou divisão das partes da



poesia, composta por seis, sete ou dez linhas, além de estruturas de sílabas, chamadas de “martelo agalopado” e “galope à beira mar”. O cordelista, quase sempre, procura seguir essas estruturas tradicionais para elaborar seus trabalhos. Quando a metrificação não é respeitada, costuma-se afirmar que o cordel é de “pé quebrado” ou de “rima quebrada”.

É importante salientar ainda, que a partir da década de 1950, os cordéis passaram a ser ilustrados com “xilografuras” nas capas dos folhetos. Antes disso, era mais comum a produção do cordel com “capas cegas” ou com outras formas de ilustração. A utilização da xilogravura, deste modo, como representação dos temas dos folhetos, passou a ser tão largamente utilizada no processo de produção do cordel, que atualmente é difícil separar esta expressão artística da história deste gênero literário.

Na literatura de cordel, os cordelistas procuram tratar de uma infinidade de temas, como romance, acontecimentos históricos, política, gracejos, pelegas, religião, figuras do imaginário, dentre outros. A partir do cordel, com isto, é possível compreender um pouco da riqueza e da diversidade de nossa cultura. Com base na história, nas práticas e nas formas de expressão deste gênero literário e poético, podemos entender importantes aspectos da vida e dos modos de viver, imaginar e compreender o mundo.



Foto: Paulo Maia



Dona Santina

Fotos: Paulo Maia

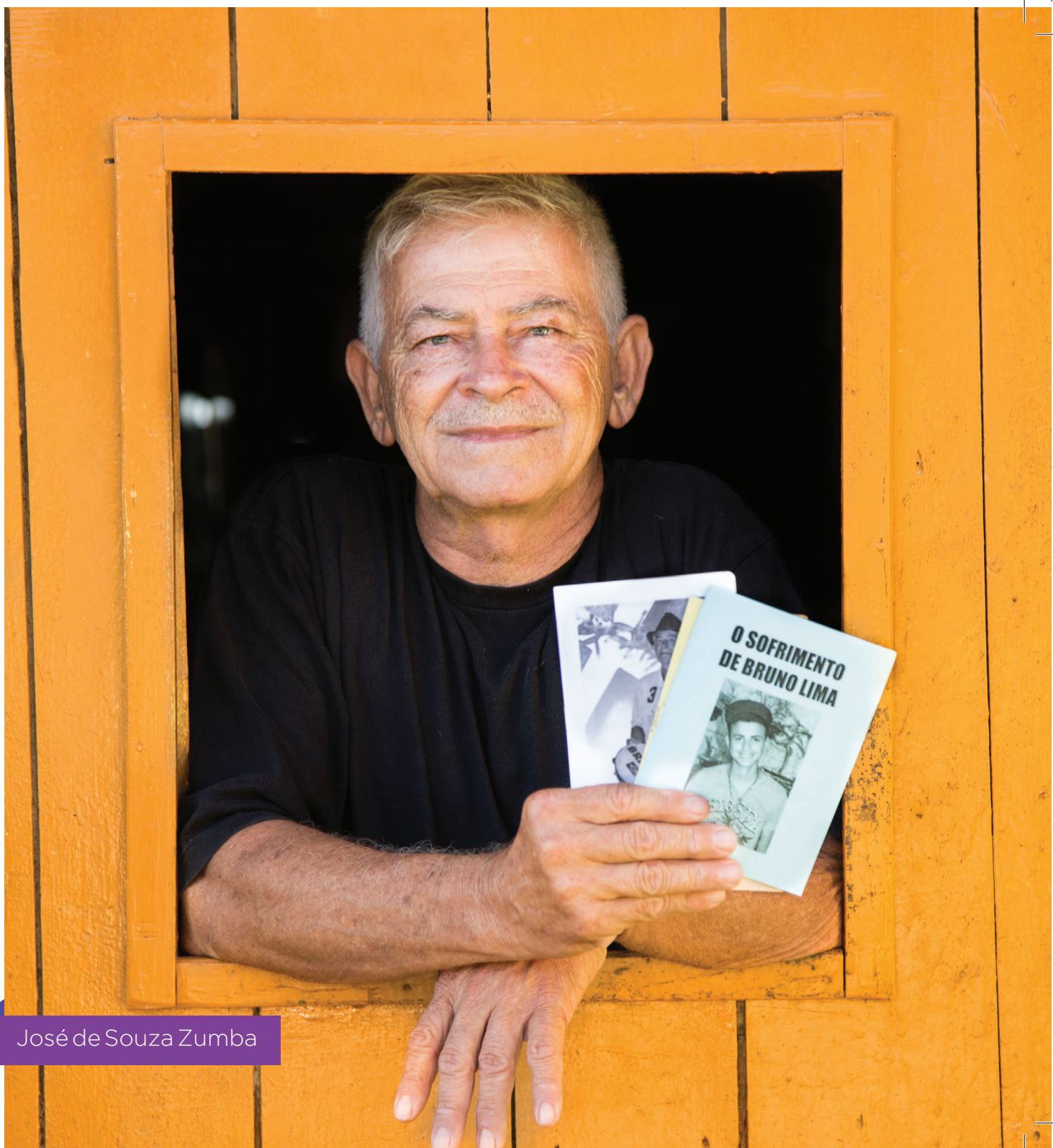


João Pimentel



Alzira

Fotos: Paulo Maia



José de Souza Zumba



BORDADO/CROCHÊ

Há na Região Nordeste uma forte tradição de artesanato com tecidos que contempla bordados, renda renascença, feltro, tricô e crochê, além de outros desenhos e figuras ornamentais. Na sua grande maioria, são as mulheres responsáveis por esta tradição. Os tipos de peças feitas são bastante variadas e conseqüentemente o tempo para completá-las pode durar de um dia até mais de um mês, a depender do desenho e estilo. Uma blusa de tricô, por exemplo, pode ser feita dentro de duas semanas enquanto uma blusa de renascença pode levar quase dois meses para terminar. De tricô, as pessoas comumente fazem blusas, boleros, cachecóis, casacos, peças para recém-nascidos e coisas para a cozinha. De bordado, as peças mais comuns são roupas de cama e jogos de cozinha. Para blusas e outras peças de roupa, é também comum fazê-las de crochê.

Não existe uma única maneira de aprender a trabalhar com os artesanatos. No passado, a maneira mais comum era que as mulheres aprendessem das mães, outras familiares ou até de vizinhas. Há casos também de autodidatismo, em que as pessoas aprendem sem ajuda de terceiros.

Mais recentemente, porém, existem prefeituras que estabelecem instituições para o ensino e a aprendizagem desses ofícios. Embora muitas pessoas vendam as suas peças ou façam por encomenda, nem sempre as pessoas trabalham para contribuir à renda familiar. De fato, muitas mulheres simplesmente gostam de fazer para elas mesmas ou para familiares porque o ofício é visto como momento importante para relaxamento, prazer e aprendizado.

Assim, trabalhar com o bordado, crochê, renda renascença e demais estilos contribui bastante à comunidade em termos sociais e culturais, além de econômicos.



Foto: Paulo Maia



Lucineide



FORRÓ PÉ-DE-SERRA

O forró é um gênero musical brasileiro oriundo da Região Nordeste que denomina uma diversidade de ritmos, tipos de conjuntos e características musicais. Em termos gerais, o forró é cantado, acompanhado por acordeão e percussão, e dançado em pares. Embora não haja época exclusiva para o forró, fazendo parte íntegra do cenário musical comercial brasileiro o ano todo, o gênero é intrinsecamente ligado às festas juninas, especificamente a festa de São João. Em suas apresentações, as bandas de forró tocam um repertório musical que contempla vários ritmos, tais como o xote, baião, xaxado, arrastapé e forró, entre outros.

Não há consenso sobre a origem do termo “forró”, embora seja provável que vem do galego-português, língua falada na Península Ibérica durante a idade média. No Brasil, o forró chega ao cenário nacional a partir dos anos 1940, levado à Região Sudeste por artistas nordestinos, os mais renomados dos quais sendo Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro, entre outros. Uma das principais transformações do forró aconteceu na década de 1990, quando surgiu o “forró eletrônico”, estilo liderado por grupos como Mastruz com Leite. Desde então, o forró, nos seus vários estilos, está cada vez mais presente no cenário nacional.

Um dos mais importantes estilos de forró na atualidade é o chamado forró pé-de-serra. Para se diferenciarem dos grupos de forró eletrônico, os de forró pé-de-serra tocam um repertório que inclui músicas compostas por Luiz Gonzaga, Dominginhos e outros renomados forrozeiros tradicionais, além de músicas mais novas feitas num estilo mais tradicional. Os grupos de forró pé-de-serra também se utilizam de uma instrumentação diferente dos grupos de forró eletrônico. Assim, o forró pé-de-serra dá preferência ao conjunto “clássico” de forró, que geralmente se limita ao acordeão, zabumba e triângulo. É comum encontrar no nordeste shows de forró pé-de-serra o ano inteiro, e sobretudo durante a época das festas juninas.

Foto: Marcos Eugêncio





Foto: Marcos Eugênio





REZADORES E REZADEIRAS

Uma das tradições mais comuns no Brasil, sobretudo nos interiores e zonas rurais, é a de rezar curas e tratar aflições com folhas e ervas medicinais. Esta tradição de cura tem uma longa história no Brasil e pode ser encontrada nas suas diversas formas em várias culturas europeias, africanas e ameríndias, além das culturas orientais e outras. No Brasil, as pessoas que praticam estas curas e têm estes saberes tradicionais são conhecidas como rezadores e rezadeiras (ou benzedores/benzedadeiras). Embora tanto homens como mulheres possam exercer este ofício, é cada vez mais comum que seja um ofício feminino. A habilidade de rezar curas é geralmente vista como um dom. Além disso, não é raro que os rezadores e rezadeiras tenham pais, parentes ou vizinhos que também rezam ou rezavam. Mas independente, a eficácia das rezas e súplicas é tipicamente associada à fé em Deus (o deus cristão).

Os rezadores e rezadeiras são detentores de um conhecimento vasto de rezas que tratam de uma diversidade de males que atingem o corpo e a alma do ser humano, tais como quebranto, cobreiro, mau-olhado, espinhela caída, erisipela, vento virado e peito arrotado, além de enfermidades, problemas espirituais, aflições corporais e psicológicas. Os



Dona Odélia

Foto: Marcos Eugênio

rezadores e rezadeiras quase sempre exercem seu ofício nas suas residências, geralmente atendendo aos “clientes” gratuitamente e, não raramente, aceitando pequenas doações. Os rezadores e rezadeiras são conhecidos nos bairros e cidades onde moram e são procurados por pessoas da vizinhança quando estas se encontram com alguma aflição tratável. Os rezadores e rezadeiras são pessoas que dominam conhecimentos, costumes, hábitos, técnicas, saberes e fazeres que, sem dúvida, constituem um valioso patrimônio local. Estas pessoas representam memórias vivas que, através de suas práticas e rituais de cura, marcam a cultura local, tornando-se símbolos da preservação de valores, experiências e tradições ancestrais.

Foto: Paulo Maia



Maria Auxiliadora



FICHA TÉCNICA

IE Garanhuns

Diretor Técnico

Luiz Roberto De Azevedo

Diretor Administrativo Financeiro

Benedito José Pontes Parente

Analista de Meio Ambiente

Luciene Andrade Barbosa

Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Superintendência Regional do Iphan em Pernambuco

Renata Duarte Borba

Acompanhamento técnico -
Superintendência do Iphan em Pernambuco

Giorge Patrick Bessoni e Silva

Associação Respeita Januario

Coordenador Institucional

Carlos Sandroni

Coordenador de Pesquisa

Sandro Guimarães de Salles

Pesquisadores

Jacira de França

Leonardo Leal Esteves

Luiz Eduardo Pinheiro Sarmiento

Márcio Luna

Michael Zenryu Iyanaga

Produção e Organização ●

Naara Souza Santos

Assistente de produção

Soraya Guimarães

Projeto gráfico

Java Araújo

Diagramação

Isadora Melo

Fotos

Marcos Eugênio Costa do Nascimento

Paulo Maia

Homenagem ao amigo Marcio Luna



BENS IMATERIAIS

(identificados no município de São João)

Repentistas

Jocélio Costa

Adegildo Silva

Festas religiosas

Festa de São João: 15 a 24 de junho

Santuário de Santa Quitéria de Frexeiras: Peregrinação o ano inteiro e grande romaria em 7 de setembro.

Cordelistas

Santina

Professora Alzira

Seu Gonçalo

João Pimentel

Rezadeira

Maria Salete Gonçalves da Silva (Dona Océlia)

Maria Auxiliadora dos Santos Figueiredo

Forrozeiro

Seu Davi (Davi Caetano de Andrade)

Bordados/Crochê

Maria Rosilda de Barros Silva

Lúcia de Fátima Barros Andrade - tricô e reciclagem

Lucineide Alves Silva - Renda Renascença

Diogeneide Ferreira de Goiás Silva - Bordado, crochê

Flávia Simone Pereira da Silva - Feltro

